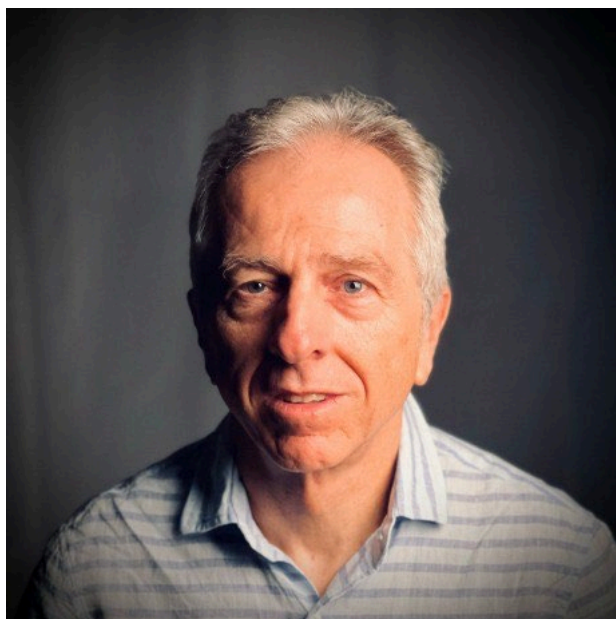


ENTREVISTA

RONALDO HELAL

Por: Filipe Mostaro



“O rádio, cara... o rádio é um fenômeno. As pessoas achavam que TV ia matar o rádio, internet ia matar o rádio... o rádio é uma coisa assim muito impressionante. E eu acho que ele foi fundamental na popularização do futebol e na ideia de identidade nacional brasileira, principalmente nos anos 30, com o governo Getulio Vargas, com o nacionalismo Vargas, novas formas de pensar o Brasil.”

O rádio como pioneiro na relação mídia e esporte

As transmissões de narrativas sobre o esporte estão presentes nas mídias sonoras desde o início do seu processo de popularização (SOARES, 1994). No Brasil, podemos demarcar este período a partir dos anos 1930, mais precisamente em 1932, quando a publicidade passa a ser permitida nas programações das emissoras e o rádio se torna o principal veículo de comunicação no país (MOREIRA, 1998). Como Gisela Ortrivano (2002) indica, as emissoras, de maneira geral, foram inauguradas transmitindo algum evento ou, ao menos, informando a sua existência.

Nesta edição da **Radiofonias**, entrevistamos o professor titular Ronaldo Helal, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O sociólogo é um dos pioneiros no campo de investigação interdisciplinar de mídia e esporte. Nessa entrevista, ele destacou como o rádio,

a sua linguagem e a formação de ídolos e heróis nacionais a partir dos anos 1930 funcionaram como uma retroalimentação entre a ideologia elaborada pelo governo de Getúlio Vargas e a popularidade do esporte.

Radiofonias **Querida que você começasse falando pra gente sobre essa relação que o esporte vai ter com a mídia e, principalmente, da elaboração da cultura nacional, daquilo que a gente entende hoje como o que seria ser brasileiro etc.**

Ronaldo Helal: O que a gente pode começar a pensar... Eu me lembro que há muito tempo atrás, o Hugo Lovisolo (*antropólogo e professor aposentado*), que me ajudou a fundar o grupo Esporte Cultura na Uerj... a gente estava numa discussão mais ou menos assim: o que teria acontecido primeiro, né? A popularização do futebol ou a imprensa dando atenção ao futebol? O Hugo falava assim: se a imprensa não tivesse dado atenção ao futebol, ele teria se popularizado? Essa é a pergunta difícil. Se você pesquisar, é uma hipótese muito complicada. Eu acho que foi sempre uma via de mão dupla. À medida em que o esporte foi se popularizando, a imprensa estava vendo que uma coisa tava acontecendo e que tinha que noticiar isso. E aí foi uma coisa que foi se retroalimentando. Quanto mais ela dava notícia, mais se popularizava e vice-versa. Tô falando nesse momento ainda sem o advento do rádio, tá? Tô falando no momento ainda da imprensa, dos jornais. O rádio, cara... o

rádio é um fenômeno. As pessoas achavam que TV ia matar o rádio, internet ia matar o rádio... o rádio é uma coisa assim muito impressionante. E eu acho que ele foi fundamental na popularização do futebol e na ideia de identidade nacional brasileira, principalmente nos anos 30, com o governo Getúlio Vargas, com o nacionalismo Vargas, novas formas de pensar o Brasil. E você tinha, claro, o grande cronista esportivo que era o Mário Filho. Tinha um grande sociólogo, cientista social, mas acho que ele não se vê como sociólogo, que é o Gilberto Freyre. Seria mais como escritor, mas a gente bota ele como cientista social. Eles começaram a prestar bastante atenção no futebol. E o Mário Filho, fazendo das suas crônicas batalhas épicas. E o rádio foi fundamental. Eu me lembro do Maracanã antes dessa reforma, faz tempo que eu não vou ao Maracanã, muito de vez em quando hoje em dia, era um hábito comum você, às vezes, quando há algum momento da partida que o jogo está... as torcidas estão tensas, e tem aquele silêncio do Maracanã, você ficava escutando a voz de Waldir Amaral, do Jorge Curi, do rádio, porque as pessoas iam pro estádio com o rádio no ouvido. É como se aquilo ali fosse uma extensão, não só da sua audição, da sua visão,

porque tinha um repórter de campo que estava vendo coisas que você por acaso não estaria vendo. É como se aquilo certificasse, você se sentia incompleto de ir ao estádio sem o rádio. Então era um som comum, você estar no estádio e ficar escutando quantos minutos estão faltando, o relógio marcando. Esse era um hábito bastante comum do carioca. Eu acho que acho que, no Brasil inteiro, a gente tem que ver o seguinte, o Rio de Janeiro era a capital da República até 1960, mas eu acho que perdurou até os anos 80 essa preponderância aqui do Rio de Janeiro como capital da República. Então a Rádio Nacional teve um papel fundamental em popularizar os times do Rio de Janeiro. Se a gente tentar explicar porque o Flamengo é a maior torcida do Brasil, o ponto de partida é um pouco difícil. Tem um livro do Renato Coutinho que tenta explicar isso. Ele meio que atribui a gestão do presidente Bastos Padilha, que começou conscientemente a popularizar o clube, trouxe Leônidas da Silva, que tinha ações bastante populares. Mas por que no Brasil? Por que não foi só no Rio de Janeiro? Porque como a Rádio Nacional só transmitiu os jogos do Rio de Janeiro essa composição de afetos dos torcedores pelo time do Rio de Janeiro acabou se espalhando por todo o Brasil, principalmente na região Norte e Nordeste. Então, por isso você encontra torcedores do Flamengo muito mais fora do Rio de Janeiro do que no Rio de Janeiro, e de Vasco, Botafogo e Fluminense também, e acaba

ombreado e competindo com vários outros clubes do Brasil. Acho que os clubes de São Paulo começaram a ganhar uma força maior a partir da década de 1990, através até de uma ação consciente da Federação Paulista de Futebol de pegar essa fatia que estava indo só para os times do Rio de Janeiro.

Radiofonias Grande parte da sua pesquisa é entender essa parte da idolatria que existe no esporte. E o rádio é um grande fabricante de ídolos, os narradores esportivos conseguem mexer com o imaginário do torcedor e construir uma ideia do jogador como um herói, como uma pessoa que vai ser idolatrada. A gente pode colocar o rádio como um pontapé inicial? Assim, pensando como essa linguagem radiofônica tem exaltado jogadores, como Leônidas da Silva, em seguida, Garrincha e Pelé. A gente vai passando por toda essa geração gloriosa que a gente teve no Brasil até chegar no Zico. A gente foi entrevistar o Zico lá da última vez. Ele mencionou que quem deu o nome Galinho de Quintino foi (o locutor) Waldir Amaral, que é reconhecido até hoje. A gente já falou da importância da mídia em tornar o futebol algo muito forte na cultura nacional e agora o papel específico do rádio em outra linha sua de pesquisa, que é absolutamente fundamental para nós, que é na formação desses ídolos, de idolatria, de como que essa linguagem radiofônica penetra no

imaginário do torcedor e vai elaborando essas qualidades que um grande ídolo deve ter, a jornada do herói, que a pessoa vai redimir a sociedade em algum momento.

Ronaldo Helal: A gente pode pensar assim, talvez um episódio que possa ilustrar isso, na Copa de 1958 as pessoas assistiam às partidas acho que dois dias depois, no cinema. Eu não sei qual foi a partida agora, você deve saber mais do que eu, que o Brasil venceu por 1 ou 2 a 0 e que a narrativa radiofônica foi de um jogo maravilhoso. Um jogo cheio de pegada, de corrida, de lances emocionantes. E quando as pessoas foram ver no cinema, foi uma partida assim muito monótona, que o Nelson Rodrigues teria saído com essa frase ímpar: “a verdade é que ninguém entendeu que a verdadeira partida aconteceu na narrativa radiofônica”. É como se você tivesse um outro espetáculo ali. Então, é óbvio que naquele momento, quer dizer, o rádio estava penetrando em todos os rincões do Brasil e os lugares mais distantes que você possa imaginar a pessoa escutando o rádio e essas locuções. O rádio tem essa coisa, não pode ficar parado. Você não pode ter um minuto de silêncio no rádio se não o cara vai mudar, vai sintonizar em outro canal, vai achar que tá com defeito o rádio. E essa coisa de você criar os epítetos, diamante negro, é claro, também tem Mário Filho, também tem a imprensa, os jornais também. Mas essa simbiose dos atletas

em campo, do rádio e depois com a narrativa da imprensa, o rádio pautando essas coisas que tão acontecendo... Isso ajudou bastante a criar toda essa mitologia do nosso futebol, Garrincha, a alegria do povo, o anjo de pernas tortas. Todas essas coisas foram sendo cada vez mais, digamos, amplificadas, tinha uma coisa que acontecia no campo, tinha uma outra coisa que acontecia no imaginário. Tanto daqueles que estavam assistindo, porque mesmo você assistindo, você tem uma visão diferente quando você está escutando pelo rádio e que quando você está sem o rádio. Você adquire mais informações, você mexe com mais e mais cognição dentro de você do que se estivesse somente vendo o jogo. É como se estimulasse vários códigos dentro de você. Então eu acho que o rádio tem que ser muito criativo, imaginativo, não pode ficar parado, senão a narrativa fica ruim. Eu me lembro até uma vez, há um tempo atrás era muito comum as pessoas assistirem aos jogos na televisão, tirar o som e colocar o som do rádio, porque achavam (*o áudio da TV*) muito monótono. Fulano passa para Beltrano. Cruzou para Sicrano, gol! Era assim. Então o que aconteceu: você pega hoje os narradores esportivos e eles meio que fazem uma narrativa parecida com o rádio. Não chega a ser igual à do rádio, mas não é mais aquela coisa, Fulano passa para outro e acaba, não é isso. Eles têm uma coisa de colocar bastante emoção, justamente para fazer com que as pessoas não

desliguem a televisão e vão para o rádio. Para competir com o rádio. É realmente um instrumento que é bastante potente como meio de comunicação. Você falou da formação de heróis também, que é muito importante, mas às vezes eu acho que ela carrega nas tintas, quase uma questão de construir vilões também, e às vezes um pouco injusta. Eu passei a entender (porque eu sou Flamengo, todo mundo sabe que eu sou Flamengo) a implicância de determinados jogadores do Flamengo, que eu achava bons de bola, botar um pouco mais de tempo, escutando jogos no rádio pela impaciência que o comentarista, narrador, tinha. Falando com um tom meio de deboche e aquilo acaba que tem uma influência. A pessoa tá ali escutando aquilo e, mesmo estando no estádio, aquilo fica amplificado, entendeu? Então, acho que são as duas coisas. Tem a questão da idolatria e tem a questão, não só da vilania, como de minimizar talvez algum jogador, rebaixar o status de algum jogador que porventura não está numa fase boa, mas é um jogador bom de bola.

Radiofonias: E é inegável a gente falar que o rádio contribuiu muito para aquilo que a gente estuda bastante, a ideia do país do futebol. Você já mencionou os anos, as quatro Copas do Mundo, que o Brasil venceu três. O rádio, mesmo com a chegada da televisão em 1970, foi fundamental em contar toda essa narrativa. A gente sabe que há a formação de uma

comunidade imaginada, porque acredita que o Brasil é representado por 11 atletas dentro de um campo. Como que isso passa pela narrativa do rádio que você mencionou, que é mexer com o imaginário das pessoas, das pessoas acreditarem naquele jogo narrativo e se dedicarem de uma forma que elas realmente, em 1970, acreditaram que a vitória da seleção poderia estar associada à vitória da nação como um todo. Essa construção que a gente estuda bastante...

Ronaldo Helal: O Brasil como uma nação nova, que passou o século XIX inteiro até 1889 como monarquia, até 1888 com escravidão, ele vira o século tentando entender o que era ser brasileiro. Muita influência da França. Aí você tem aquele pontapé inicial com a Semana de Arte Moderna em 1922 e depois você tem, a partir da década de 1930, com Gilberto Freyre, *Casa grande e Senzala*, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, você tem novas formas de conceituar o Brasil. E o futebol foi visto como, talvez, o melhor instrumento para se criar uma ideia de nação brasileira. É claro que tem que ter uma correspondência empírica. A gente tem estudado e a gente tem uma suspeita muito forte. O Arlei Damo (*antropólogo*) já trabalhou com isso, a partir de uma hipótese da saudosa Simone Guedes, nossa amiga rubro negra, antropóloga, de que a fundação simbólica do nosso futebol, não é nem do país do futebol, mas a ideia do

futebol arte, que teria surgido na Copa da França em 1938, pela jogada do Leônidas da Silva e por aquele artigo famoso de Gilberto Freyre antes da semifinal contra a Itália (*“Foot-ball mulato”, publicado no Diário de Pernambuco, em que o autor fazia o elogio da miscigenação brasileira*). Você uma vez falou que a primeira *fake news* foi ali.

Radiofonias E só um detalhe, foi a primeira Copa do Mundo, não por acaso, transmitida pelo rádio no Brasil.

Ronaldo Helal: Pois é, e o Brasil fica em terceiro lugar. Supostamente teve um pênalti, que não foi pênalti, uma coisa meio duvidosa. E aí, claro, você começa a criar essa história de que nós seríamos os bailarinos da bola. Qual é a correspondência empírica? Você não tem as Copas do Mundo de 1942 e 1946, por causa da Segunda Guerra Mundial, mas de 1950 a 1970, você vai a quatro finais e vence três. Você ganha três Copas do Mundo em 20 anos. Estou contando até 1950, porque de 1950 o João Saldanha, que eu tive o privilégio de entrevista-lo em minha tese de doutorado, me garantiu que aquela seleção era tão boa quanto a de 1970, que o Zinho era do nível do Pelé. Falou que a seleção era fantástica. Então, o rádio estava do lado o tempo todo noticiando aquilo. A ideia de que houve um grande silêncio no Maracanã, que foi a maior tragédia da história brasileira, a Copa de 1950. Em 1970, o rádio noticiou

que aquela vitória era a vitória do Brasil como nação. No auge do regime militar, valorizando o projeto político que estava em voga. Então, essas coisas sempre existiram. É interessante perceber também que o Paulo Perdigão, que tem um livro muito importante, *A Anatomia de uma derrota*, era um cara que nem era muito ligado ao futebol, mas ele esteve na Copa do Mundo, tinha 11 anos de idade e aí ele escreveu esse livro para tentar entender aquela derrota. Ele conta uma história em que ele está fazendo a recuperação radiofônica, na Manchete. Ele está fazendo recuperação, aí o cara do lado perguntou assim: é agora que vai acontecer o tapa do Obdulio Varela? E ele falou: alguém viu o tapa? E o cara disse que não era nem nascido. O tapa que não existiu, existiu no imaginário, porque alguma faísca se acendeu ali e aquilo ficou. É muito curioso isso. E ele escreve esse conto *O dia que o Brasil perdeu a Copa*, que virou o curta metragem do Jorge Furtado chamado *Barbosa*, que é justamente a trajetória do Barbosa. E todas aquelas questões vieram do rádio. Várias coisas vieram do rádio. Gol de placa, um monte de bordão que a gente sabe hoje em dia, todos vieram do rádio. O rádio até hoje é um instrumento muito importante, não resta a menor dúvida, ele não morreu. É impressionante como as pessoas achavam que a televisão ia matar o rádio, depois a internet, e ele continua aí com essa sobrevivência, forte e resistente. Agora, claro, para construir

ideia de nação brasileira por meio do futebol, haja vista que os discursos do Getúlio Vargas eram feitos no estádio de São Januário (*pertencente ao Vasco da Gama*), antes de existir o Maracanã, mas era um estádio de futebol. Isso tem muito a ver, entendeu? O futebol, na década de 1930 estava se popularizando bastante, porque em 1933 ele se torna profissional, quer dizer, passam a existir duas ligas, a profissional e a amadora. De 1933 a 1937, no Rio e em São Paulo tinham duas ligas, a liga profissional e a liga amadora. Em 1937, você tem a fusão, era só profissional, e era um movimento que já vinha crescendo desde a década de 1920. A gente tem o famoso caso do Vasco da Gama, que colocou uma composição étnica e social até então não vista e ganhou o campeonato de 1923. E aí depois ele é expulso da liga, depois ele tem que voltar, mas aí tem que assinar súmula. Tinha também como uma condição fazer o seu estádio, aí ele fez São Januário. Enfim, tinha toda uma história ali de um esporte que estava se popularizando.

Radiofonias **Eu sei que o seu pai vivenciou vários momentos do Flamengo através do rádio. E eu queria uma parte mais pessoal sua mesmo. Como é que foi crescer dentro do Flamengo, acompanhando toda essa paixão que o esporte envolve e tendo o rádio como esse mediador social?**

Ronaldo Helal: Tomar café da manhã com meu pai era escutando rádio,

resenha esportiva, sempre. Na hora de jantar também, ele estava lá com rádio. Jogos de futebol, numa época em que não tinha TV, era com rádio, mesmo depois com a TV, tinha o rádio. O rádio era uma coisa, assim, impressionante para o meu pai. E é uma coisa, uma gramática, que você aprende também a ver o jogo escutando o rádio. Quem não tem não tem esse hábito, não consegue entender. A minha esposa, já relaxou com isso porque viu que Bruno, meu filho, já pegou isso desde cedo. Às vezes eu estou escutando o jogo no carro, eu estou vendo televisão, aí cruzou, Fulano fez gol, Fulano cruzou e é gol de cabeça. E ela pergunta: “Como é que você sabe que o gol foi assim?” Porque eu estou prestando atenção no rádio. Aí ela vê depois na televisão e como está narrado, foi o que a gente viu. Agora, saindo um pouco da história do meu pai, eu lembro do gol, o famoso gol do Roberto Dinamite contra o Botafogo, que eles dão lençol, famoso esse gol. Eu lembro que eu estava escutando no rádio, e o Waldir Amaral não tinha aquela coisa do Jorge Cury, e eu falei: “gente, esse gol foi um gol maravilhoso”. Quando eu vi na televisão, falei caramba! Mas claro, pela narrativa dele você percebia, pelo jeito dele, que não era um gol comum. Quem conhecia Waldir Amaral, ia falar que isso era um golaço. É que o Jorge Cury era muito mais efusivo. Eu lembro direitinho, como ele narrou foi como eu vi na televisão. Então o rádio tem isso, mas é uma gramática que você aprende

a ouvir, é uma extensão da sua visão, do que você capta. Você está vendo o jogo e está escutando e vendo, está entendendo o que está acontecendo.

Eu lembro também, outra experiência minha com o rádio, que eu posso te falar, quando eu fui morar em Nova York para fazer um mestrado, doutorado nos anos 1980, não tinha internet, nada disso. Então, como é que eu ia acompanhar o Flamengo? Eu tinha que acompanhar o Flamengo. Comprei um radinho de ondas curtas, porque eu conseguia sintonizar a Rádio Nacional de Manaus. Aí eu escutava todos os jogos do Flamengo. Só que às vezes tinha uma interferência de uma comunidade alemã, não sei aonde, e dava alguns ruídos. Mas eu lembro que o famoso Fla-Flu de 1985, que o Leandro faz um gol do meio da rua, cara, quando estava no finalzinho do jogo, ele, o rádio, começou, e eu só entendi que tinha sido gol. Depois é que eu soube que foi um golaço lá do meio da rua, porque foi um momento que realmente a transmissão tinha ficado bem ruim. Eu consegui acompanhar os jogos via rádio. Eu tinha escadinha de incêndio naqueles prédios antigos de Nova York, botava lá antena e captava. Foi uma das primeiras aquisições que eu fiz quando eu vi que ia ficar bastante tempo fora. Eu tinha que acompanhar o Flamengo, tinha que ter um radinho de ondas curtas.

Sobre o entrevistado

Ronaldo Helal é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1980), graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979), mestrado (1986) e doutorado (1994) em Sociologia pela New York University. É pesquisador 1-C do CNPq, pós-doutor em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (2006). Em 2017, realizou estágio sênior na França no Institut National du Sport, de L'Expertise et de la Performance. Foi vice-diretor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj (2000-2004) e coordenador do projeto de implantação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj (PPGCom/Uerj), tendo sido seu primeiro coordenador (2002-2004). Foi chefe do Departamento de Teoria da Comunicação da FCS/Uerj diversas vezes e membro eleito do Conselho Consultivo da Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Uerj por duas vezes. Em 2008 concluiu o curso de Especialização "Tango: genealogia política e historia"; ministrado pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: futebol, mídia, identidades nacionais, idolatria e cultura brasileira. É coordenador do grupo de pesquisa

Esporte e Cultura e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). Publicou 15 livros e 150 artigos em capítulos de livros e em revistas acadêmicas da área, no Brasil e no exterior.

Sobre o entrevistador

Felipe Mostaro é professor adjunto da Faculdade de Comunicação da Uerj. Doutor em Comunicação pelo PPGCOM e coordenador do AudioLab na Uerj.

>> Como citar este texto:

MOSTARO, Filipe. O rádio como pioneiro na relação mídia e esporte. Entrevista a Ronaldo Helal. **Radiofonias** – **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 206-213, jan./abr. 2023.